

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO PRÁXIS FORMATIVA: VIVÊNCIA, PESQUISA E REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA.

FERNANDA RIZZON DE VARGAS¹

ADRIANO ANDRÉ MASLOWSKI²:

¹ Universidade Federal de Pelotas – fernandarizzonvargas@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – adriano.maslowski@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Conforme Pimenta e Lima (2012), o Estágio Supervisionado é um componente essencial na formação de professores, pois permite que o futuro docente vivencie a realidade escolar de forma crítica e reflexiva. Legalmente, sua importância é reconhecida: a obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio foi estabelecida pela Lei n. 11.684/2008, que alterou a LDB n. 9.394/1996, enquanto o estágio curricular é regulamentado pela mesma LDB e pela Lei n. 11.788/2008, constituindo-se como parte obrigatória da formação inicial docente (Alves; Nascimento; Lima, 2013).

Historicamente, o estágio foi muitas vezes reduzido à mera prática instrumental ou à imitação de modelos pedagógicos, sem diálogo crítico com a realidade escolar, segundo Pimenta e Lima (2012). Estas defendem que o estágio deve ser compreendido como práxis reflexiva, ou seja, como integração entre ação e prática. Enquanto a prática se refere às formas institucionalizadas de ensinar — conteúdos, métodos e tradições escolares —, a ação envolve o professor como sujeito, com seus valores, escolhas, modos de pensar e agir, decisões pedagógicas e relações com os alunos. A ação pedagógica combina, portanto, atividades estruturadas de ensino e a tomada consciente de decisões que orientam essas atividades, permitindo que o ensino e a aprendizagem se tornem significativos e intencionais.

Nesse contexto, as teorias oferecem instrumentos de análise e reflexão, mas estão sujeitas a revisão diante da experiência concreta (Pimenta; Lima, 2012). De forma complementar, a perspectiva de Tardif (2014) evidencia que os saberes docentes se constituem a partir da articulação entre conhecimentos acadêmicos, experiências profissionais e contextos institucionais, permitindo que o professor reconstrua continuamente seu conhecimento, desenvolva sua identidade profissional e amplie sua capacidade de intervenção educativa. Assim, a relação entre teoria e prática se dá como um ciclo dialético de ação-reflexão-ação (Alves; Nascimento; Lima, 2013), no qual o professor analisa sua atuação, questiona práticas institucionalizadas e reorganiza seus saberes.

Com base nessa perspectiva de reflexão crítica e articulação entre teoria e prática, realizei o Estágio Supervisionado II no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) – Campus Pelotas, ministrando aulas de Filosofia nos cursos do Ensino Médio Integrado. Atuei em duas turmas: Filosofia II (3º semestre, Eletrotécnica) e Filosofia III (5º semestre, Eletrônica e Eletrotécnica). Entretanto, este relato concentra-se em uma experiência específica realizada com a turma de Filosofia II: a apresentação e exposição de livros de Filosofia, atividade que se revelou significativa para fomentar o interesse dos estudantes pela leitura e pelo pensamento filosófico.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

No último encontro do Estágio Supervisionado II, com a turma de Filosofia II do terceiro semestre do Curso Técnico de Nível Médio em Eletrotécnica, ministrei uma aula de duas horas sobre falácia informais. A atividade seguiu o plano de ensino do professor regente, que previa a realização de seminários individuais pelos alunos sobre o tema. Na segunda parte da aula, apresentei alguns livros de Filosofia, com o objetivo de despertar o interesse pela leitura e ressaltar a importância de ampliar o contato com diferentes obras. Essa experiência final constitui o objeto central deste relato.

O objetivo geral da aula foi promover a compreensão do funcionamento lógico das falácias do Espantalho, da Causa Falsa e do Apelo à Ignorância, desenvolver a capacidade de análise crítica dos argumentos, além de incentivar a leitura de obras filosóficas acessíveis, curtas e não excessivamente técnicas, mas que abordassem temas universais e existenciais relevantes à formação intelectual e pessoal. Essa proposta esteve alinhada às competências e habilidades da BNCC (2018), em especial à Competência Geral 1 — que estimula a análise crítica de processos culturais, sociais e epistemológicos — e à Habilidade EM13CHS103, voltada à formulação de hipóteses e argumentos a partir de múltiplas fontes, incluindo textos filosóficos.

O planejamento desta regência baseou-se nas contribuições de Paulo Freire (2021), Kant (2009) e Becker (2012). De Becker, adotei por referência a epistemologia construtivista, que entende o saber como construção ativa do sujeito em interação com a realidade. Essa abordagem foi articulada ao modelo pedagógico relacional, que valoriza o diálogo e a problematização, incentivando a ressignificação dos saberes a partir da experiência e do repertório cultural dos estudantes.

As reflexões de Freire (2021) reforçaram essa perspectiva ao destacar a importância do reconhecimento dos saberes dos alunos, do estímulo à curiosidade e da promoção do diálogo ativo. Já Kant (2009), distingue entre o ensinar a Filosofia sentido escolástico — voltado à sistematização do saber — e o ensinar a filosofar no sentido cósmico. Para ele, filosofar não é apenas transmitir conteúdos, mas conduzir a razão por princípios elevados, cultivar a autonomia e enfrentar as quatro grandes questões: “O que posso saber?”, “O que devo fazer?”, “O que me é permitido esperar?” e “O que é o ser humano?”.

Fundamentada nessas referências, a metodologia adotada foi expositiva-dialogada. A aula iniciou com uma revisão dos conceitos de falácias já estudados, seguida da apresentação dos seminários pelos alunos, mediada e complementada por mim, com uso de slides e exemplos adicionais. Entretanto, o aspecto que considero mais relevante para este relato foi a atividade final, dedicada à apresentação de livros de Filosofia à turma.

Os livros selecionados foram: *Apologia de Sócrates* (Platão), *Saber Envelhecer e A Amizade* (Cícero), *Manual de Epicteto*, *Utopia* (Thomas Morus), *A Vontade de Amar* (Arthur Schopenhauer), *Confissões* (Agostinho), *Aprendendo a Viver* (Sêneca), *Assim Falou Zaratustra* em versão mangá (Nietzsche) e *O Príncipe* (Maquiavel). A intenção era incentivar a leitura de obras acessíveis, curtas e não excessivamente técnicas, mas que abordassem temas universais e existenciais relevantes à formação intelectual e pessoal dos jovens. Durante a apresentação de cada obra, contextualizei brevemente o conteúdo, a escola

filosófica do autor e as ideias centrais, buscando tornar os textos mais próximos da realidade dos estudantes.

A recepção dos alunos foi muito positiva. Todos demonstraram interesse pelos livros apresentados e curiosidade em relação aos trechos destacados por mim durante a leitura. Houve entusiasmo e envolvimento genuíno com o conteúdo: os estudantes quiseram manusear as obras, ler partes selecionadas e comentadas, e se organizaram espontaneamente para garantir que todos tivessem acesso ao material. Chegaram a se cobrar mutuamente para agilizar a leitura e permitir a participação coletiva.

A atividade final, embora simples, mostrou-se eficaz como convite à leitura, ao aprofundamento filosófico e à continuidade da aprendizagem de forma autônoma. Entre os destaques, vale mencionar o livro bilíngue de Epicteto, que despertou grande interesse por trazer o texto original em grego. Aproveitei esse momento para explicar, de forma breve, como esses textos chegaram até nós, graças ao trabalho minucioso de preservação feito por monges copistas ao longo dos séculos. Outro material que atraiu bastante atenção foi a versão em quadrinhos de *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche, que permitiu aos alunos perceber como a filosofia também pode ser transmitida por meio de linguagens visuais e acessíveis.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada na turma de Filosofia II, por meio da apresentação e exposição de livros de Filosofia, evidenciou que mesmo propostas simples podem gerar impactos significativos na aprendizagem. Os alunos foram estimulados à leitura crítica, à curiosidade intelectual e a perceber como a Filosofia dialoga com o cotidiano, ao buscar teorizar sobre temas essenciais à vida – como amizade, política, amor e etc. Assim, o Estágio Supervisionado mostrou-se, nesse contexto, um espaço privilegiado para articular teoria e prática, permitindo planejar intervenções contextualizadas e selecionar recursos de forma criteriosa.

A prática docente na área de Filosofia, fundamentada nas ideias de Kant (2009), foi compreendida não apenas como transmissão de conteúdos, mas como um convite aos alunos para pensarem sobre questões fundamentais da existência, desenvolvendo autonomia intelectual. Inspirando-se em Freire (2021) e em Becker (2012), a prática buscou promover o diálogo, a problematização e a participação ativa na construção do conhecimento. Nesse processo, as teorias desempenham papel essencial: segundo Pimenta e Lima (2012), elas fornecem instrumentos para analisar e investigar a prática, permitindo questionar ações e procedimentos institucionais, ao mesmo tempo em que se colocam em constante revisão, pois todo conhecimento teórico é provisório. Logo, o estágio se configura como um espaço de reflexão e pesquisa, integrando, como Tardif (2014) ressalta, os saberes acadêmicos e os saberes experenciais.

Os conceitos de professor reflexivo e professor-pesquisador, também de Pimenta e Lima (2012), são centrais nesse processo. O professor reflexivo observa e avalia sua prática de forma crítica, considerando o contexto escolar e reconhecendo o conhecimento tácito presente em suas ações. O professor-pesquisador vai além, investigando e sistematizando sua prática para produzir saberes sobre ensino e aprendizagem e promover transformações conscientes no ambiente educacional. Esses papéis se complementam, fazendo do estágio um espaço no qual teoria e prática se articulam de maneira intencional.

Em síntese, a atividade atingiu seu objetivo e possibilitou a compreensão de que intervenções planejadas e mediadas, voltadas às necessidades e ao contexto dos alunos, podem gerar resultados significativos tanto para a aprendizagem dos discentes quanto para a formação profissional. Propostas simples que despertem a curiosidade, entendida por Freire (2021) como força motriz do aprendizado e do engajamento crítico, tornam-se poderosos instrumentos de mobilização do conhecimento, especialmente quando conectadas à vida e à realidade dos alunos. Nesse sentido, o estágio cumpre seu papel central ao promover reflexão, pesquisa e construção de saberes, articulando teoria e prática em ações pedagógicas conscientes, críticas e transformadoras.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- ALVES, Francione Charapa; NASCIMENTO, Ana Maria do; LIMA, Maria Socorro Lucena. O estágio curricular na formação do professor de filosofia. In: SANTOS, Alice Nayara dos; ROGÉRIO, Pedro (orgs.). **Curriculo: diálogos possíveis**. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p. 227-246.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec-pt-br/pt-br/cne/bncc_ensino_medio.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.
- CÍCERO. **Saber envelhecer; A amizade**. Porto Alegre: L&PM, 2021.
- EPICTETO. **Manual de Epicteto**: a arte de viver melhor. São Paulo: Edipro, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- KANT, Immanuel. **Lógica**: [excertos da] Introdução. Tradução de Artur Morão. Direção da coleção: José Rosa; Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. (Coleção Textos Clássicos de Filosofia).
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Edipro, 2015.
- MORUS, Thomas. **Utopia**. São Paulo: Lafonte, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Adaptação e ilustrações: Equipe East Press; tradução: Drik Sada. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência – Teoria e Prática: Diferentes Concepções. In: BRABO, T. S. A. M.; CORDEIRO, A. P.; MILANEZ, S. G. C. (org.). **Formação da Pedagoga e do Pedagogo**: pressupostos e perspectivas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 133-152.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Edipro, 2019.
- SACRINI, Marcus. **Introdução à análise argumentativa**: teoria e prática [livro eletrônico]. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2023.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A vontade de amar**. São Paulo: Edimax, [s.d.].
- SÊNECA. **Aprendendo a viver**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- VELASCO, Patrícia Del Nero. **Educando para a argumentação**: contribuições do ensino da lógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- WALTON, Douglas N. **Lógica informal**: manual de argumentação crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2012.